

Mamíferos - *Mico saterei* - Saguis-dos-saterê

Avaliação do Risco de Extinção de *mico saterei* (silva junior & noronha, 1998) no Brasil

André Chein Alonso¹, Taissa Régis¹ & Leandro Jerusalinsky¹

Instituição dos autores

¹Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Primatas Brasileiros/Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. andrezitopoa@gmail.com, taissaregis@gmail.com, leandro.jerusalinsky@icmbio.gov.br



Ordem: Primates

Família: Callitrichidae

Nomes comuns por região/língua:

Português – Sagui-dos-Saterê.

Inglês – Sateré Marmoset.

Outros – Sagüi.

Sinonímia/s:

Callithrix saterei Silva Júnior & Noronha, 1998;

Callithrix (Mico) saterei Silva & Noronha, 1998 (Groves 2001, 2005).

Notas taxonômicas:

Descrito em 1998 por Silva Júnior & Noronha como *Callithrix saterei*, o táxon pertence ao grupo *argentata* e ao subgrupo que possui orelhas nuas e cauda lisa. As características diagnósticas do táxon são: conspicuidade na morfologia da genitália externa de ambos os sexos, uma combinação de pele despigmentada na face e pigmentada nas orelhas, uma coloração laranja brilhante na pele da face e genitália (in natura), um manto contrastante com o dorso e membros anteriores e um padrão de pelagem tetra-bandeada no dorso e tri-bandeada nos membros (Silva Júnior & Noronha 1998). Conforme a classificação de Hershkovitz (1977), o gênero *Callithrix* era subdividido em dois grupos de espécies, o Grupo *jacchus*, referente aos saguis do leste do Brasil, e o

Grupo *argentata*, referente aos saguis amazônicos. Em 2000, com base em estudos filogenéticos, Rylands e colaboradores sugeriram a divisão do gênero *Callithrix*, mantendo essa nomenclatura para as espécies da Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado, e propondo a revalidação do gênero *Mico Lesson*, 1840 para os táxons amazônicos, considerando que não pertencem a um gênero parafilético (Rylands et al. 2000). *Mico* foi considerado um subgênero por Groves (2001, 2005). A proposta de Rylands e colaboradores (2000) tem sido amplamente aceita e utilizada, inclusive na taxonomia proposta por Rylands (2012), que é a seguida no presente trabalho.

Categoria e critério para a avaliação da espécie no Brasil: Menos Preocupante (LC).

Justificativa:

Mico saterei é uma espécie endêmica do estado do Amazonas, comum na parte degradada da sua pequena distribuição. Apesar de ter uma extensão de ocorrência menor que 20.000km², não são conhecidas ameaças significativas que a coloquem em risco de extinção. Por essa razão, esta espécie foi categorizada como Menos Preocupante (LC).

Histórico das avaliações nacionais anteriores: Dados Insuficientes (DD).

Razão para alteração de categoria atual: Novas ou melhores informações disponíveis.

Avaliações em outras escalas:

Avaliação Global (IUCN): Menos Preocupante (LC).

História de vida

Maturidade sexual (anos)	
Fêmea	Sem informação para a espécie.
Macho	Sem informação para a espécie.
Peso Adulto (g)	
Fêmea	400-470 (Siva Júnior & Noronha 1998)
Macho	400-470 (Siva Júnior & Noronha 1998)
Comprimento Adulto (mm)	
Fêmea	Cabeça-corpo: 195-230, cauda: 340-360 (n = 3) (Siva Júnior & Noronha 1998).
Macho	Cabeça-corpo: 195-230, cauda: 340-360 (n = 3) (Siva Júnior & Noronha 1998).
Tempo geracional (anos)	6 (IUCN/SSC 2007).
Sistema de acasalamento	Poligâmico, poliândrico (Ferrari 2008).
Intervalo entre nascimentos	Sem informação para a espécie
Tempo de gestação (meses)	5 meses e meio (para o gênero) (Ferrari 2008).
Tamanho da prole	Gêmeos bivitelinos é a prole modal, eventos de nascimento de um filhote são raros (para o gênero) (Ferrari 2008).
Longevidade	Desconhecido
Características genéticas	
<p>Cariótipo: Barros et al. (1996) estudaram o cariótipo desta espécie, encontrando um padrão típico do grupo <i>argentata</i> e muito similar ao cariótipo de <i>M. chrysoleuca</i>.</p> <p>Informações sobre variabilidade genética do táxon (padrões filogeográficos e relações filogenéticas): Os estudos moleculares disponíveis não são conclusivos quanto às relações filogenéticas de <i>M. saterei</i>. Sena et al. (2002) indicaram, com base em sequências mitocondriais, que <i>M. mauesi</i>, <i>M. melanurus</i> e <i>M. humeralifer</i> poderiam ser os táxons mais próximos a <i>M. saterei</i>. Já Schneider et al. (2012), analisando tanto a região controladora do DNA mitocondrial quanto quatro regiões nucleares contendo inserções Alu, indicaram que <i>M. saterei</i> agruparia com um grupo composto por <i>M. mauesi</i> e <i>M. humeralifer</i>. Estes estudos, entretanto, focaram as relações entre gêneros (<i>Callithrix</i>, <i>Callibella</i>, <i>Cebuella</i> e <i>Mico</i>), com poucas espécies do gênero <i>Mico</i> representadas. Assim, mais estudos são necessários para esclarecer estas relações filogenéticas. Até o momento o único trabalho que abrange todas as espécies do gênero <i>Mico</i> é o de Garbino (2013), onde a filogenia baseia-se apenas em caracteres morfológicos de 21 espécies reconhecidas para a tribo Callitrichini. No cladograma apresentado neste trabalho, <i>Mico saterei</i> é agrupado com <i>Mico intermedius</i>, sendo essa relação mantida por três sinapomorfias morfológicas externas, homoplásticas e ambíguas. Em Garbino (2013) a divisão dos taxa de “saguís amazônicos” em dois grupos, os “com tufo” auricular e os “sem tufo” auricular feita por Hershkovitz (1977) é mantida por ser mais parcimoniosa, contudo deixa claro que não corresponde a um grupamento monofilético. Pertencem ao clado “com tufo”: <i>M. chrysoleucos</i>, <i>M. humeralifer</i>, <i>M. mauesi</i>, <i>M. saterei</i> e <i>M. humilis</i> – sendo que estes últimos não possuem tufo auricular, os subadultos de <i>M. saterei</i> apresentam orelha hirsuta (Garbino 2013).</p>	

Distribuição geográfica

Mico saterei é endêmico ao estado do Amazonas, onde é residente e nativo (Rylands & Silva Júnior 2008). Sua distribuição está delimitada pelos rios Abacaxis a leste e Canumã-Sucunduri a oeste. Ocorre, também, ao sul do rio Paraná/Urariá, na margem direita do rio Madeira (Rylands & Silva Júnior 2008). É preciso uma maior amostragem no limite sul da espécie, que é próximo à localidade de Igarapé do Arreganhado, podendo chegar até o rio Juruena (Ferrari 2008).

A extensão de ocorrência da espécie é próxima a 18.000km² (Silva Júnior & Noronha 1998) e não se sabe se sua área de ocupação é maior que 2.000km².

População

O tamanho da população total remanescente de *Mico saterei* não é conhecido e não se sabe se o número de indivíduos maduros deste táxon é superior a 10.000. Estima-se que a espécie tenha tamanho médio dos grupos variando entre 4 e 15 indivíduos (para a família) (Rylands & Silva Junior 2008).

Informações sobre abundância populacional: Desconhecida

Tendência populacional: Desconhecida

Hábitat e ecologia

Mico saterei habita florestas primárias, secundárias e alteradas de terra firme, além de igapós (Silva Júnior & Noronha 1998). Não é um táxon restrito a habitats primários, pois ocorre em áreas alteradas, sendo aparentemente comum em capoeiras, inclusive nas margens dos rios de sua distribuição, que estão em estágio de regeneração secundário (Silva Júnior & Noronha 1998). A área de vida do táxon é estimada em 10-40ha (valor para a família) (Rylands & Silva Júnior 2008).

Ameaças e usos

A principal ameaça identificada para o táxon foi mineração, que resulta em perda de habitat e outros impactos associados (Noronha & Silva Júnior 1998).

Ações de conservação

Ações de conservação existentes: A espécie está listada no Apêndice II da CITES como *Callithrix saterei*.

Presença em áreas protegidas

Amazonas: TI Coatá-Laranjal (Rylands & Silva Júnior 2008), RDS Canumã (22.354ha) (Silva-Júnior & Noronha 1998).

Pesquisas

Não há estudos em andamento focando especificamente *M. saterei*. Como prioridade, recomenda-se investigar o limite sul da distribuição da espécie e aspectos ecológicos como dieta, comportamento e tamanho populacional.

Referências Bibliográficas

- Barros, R.M.S.; Pieczarka, J.C.; Noronha, M.A.; Silva Júnior, J.S.; Moura, C.S. & Nagamachi, C.Y. 1996. O cariótipo de *Callithrix* sp. n., nova espécie de primata. In: XXI Congresso Brasileiro de Zoologia. Anais do XXI Congresso Brasileiro de Zoologia.
- Ferrari, S.F. 2008. Gênero Mico Lesson 1840. Pp. 59-68. In: Reis, N.R.; Peracchi, A.L. & Andrade, F.R. (eds.). Primatas Brasileiros. Technical Books. 260p.
- Groves, C.P. 2001. Primate taxonomy. Smithsonian Institution Press. 350p.
- Groves, C.P. 2005. Order Primates. Pp. 111-184. In: Wilson, D.E. & Reeder, D.M. (eds.). Mammal Species of the World. The Johns Hopkins University Press. 743p.
- IUCN/SSC Neotropical Primates Species Assessment Workshop (Red List). 2007. Oficina realizada em Novembro de 2007 em Orlando, Florida, Estados Unidos.
- Hershkovitz, P. 1977. Living New World monkeys (Platyrrhini), with an introduction to Primates. The University of Chicago Press. 1117p.
- Rylands, A.B. 2012. Taxonomy of the Neotropical Primates – database. International Union for Conservation of Nature (IUCN), Species Survival Commission (SSC), Primate Specialist Group, IUCN, Gland.
- Rylands, A.B. & Silva Júnior, J.S. 2008. *Mico saterei*. In: IUCN Red List of Threatened Species, Version 2011.2. Disponível em www.iucnredlist.org. (Acessado em 26/01/2012).
- Rylands, A.B.; Schneider, H.; Langguth, A.; Mittermeier, R.A.; Groves, C.P. & Rodríguez-Luna, E. 2000. An assessment of the diversity of New World primates. Neotropical Primates, 8 (2): 61-93.
- Schneider, H.; Bernardi, J.A.R.; Da Cunha, D.B.; Tagliaro, C.H.; Vallinoto, M.; Ferrari, S.F. & Sampaio, I. 2012. A molecular analysis of the evolutionary relationships in the Callitrichinae, with emphasis on the position of the dwarf marmoset. Zoologica Scripta, 41(1): 1-10.
- Sena, L.; Vallinoto, M.; Sampaio, I.; Schneider, H.; Ferrari, S.F. & Schneider, M. P. C. 2002. Mitochondrial COII gene sequences provide new insights into the phylogeny of marmoset species groups (Callitrichidae, Primates). Folia Primatologica, 73(5): 240-251.
- Silva Júnior, J.S. & Noronha, M.A. 1998. On a new species of bare-eared marmoset, genus *Callithrix* Erxleben, 1777, from central Amazonia, Brazil (Primates: Callitrichidae). Goeldiana Zoologia, 21: 1-28.

Ficha Técnica

Citação:

Alonso, A. C.; Régis, T.; Jerusalinsky, L.

2015.

Avaliação do Risco de Extinção de *Mico saterei* (Silva Júnior & Noronha, 1998) no Brasil.

Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira.
ICMBio.

http://www.icmbio.gov.br/portal_antigo/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7217-mamiferos-mico-saterei-saguis-dos-satere.html

Oficina de Avaliação do Estado de Conservação de Primatas Brasileiros.

Data de realização: 30 de julho a 03 de agosto de 2012.

Local: Iperó, SP.

Avaliadores:

Alcides Pissinatti, Amely B. Martins, André C. Alonso, André de A. Cunha, André Hirsch, André L. Ravetta, Anthony B. Rylands, Armando M. Calouro, Carlos E. Guidorizzi, Christoph Knogge, Fabiano R. de Melo, Fábio Röhe, Fernanda P. Paim, Fernando de C. Passos, Gabriela Ludwig, Gustavo R. Canale, Ítalo Mourthé, Jean P. Boubli, Jessica W. Lynch Alfaro, João M. D. Miranda, José Rímoli, Júlio C. Bicca-Marques, Leandro Jerusalinsky, Leandro S. Moreira, Leonardo G. Neves, Leonardo de C. Oliveira, Líliam P. Pinto, Liza M. Veiga, Maria Adélia B. de Oliveira, Marcos de S. Fialho, Mariluce R. Messias, Mônica M. Valença-Montenegro, Rosana J. Subirá, Renata B. Azevedo, Rodrigo C. Printes, Waldney P. Martins, Wilson R. Spironello.

Colaboradores:

Amely B. Martins (Ponto Focal), André C. Alonso (Apoio), Camila C. Muniz (Apoio), Carlos E. Guidorizzi (Facilitador), Emanuella F. Moura (Apoio), Fabiano R. de Melo (Coordenador de táxon), Gerson Buss (Apoio), Liza M. Veiga (Coordenador de táxon), Marcos de S. Fialho (Coordenador de táxon), Rosana J. Subirá (Facilitadora), Taissa Régis (Apoio), Werner L. F. Gonçalves (Apoio).